

Poética e diplomacia em João Cabral e Guimarães Rosa

Prof. Dr. Roniere Menezes (CEFET-MG)

RESUMO:

Pesquisas em acervos onde se encontram textos produzidos por João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa revelam a existência de importantes articulações entre o posicionamento dos escritores-diplomatas em relação aos parâmetros técnico-científicos da modernidade hegemônica. Os autores questionam o empreendimento moderno, no que tange à mecanização racionalista do mundo, à destruição da natureza e à visão do humano como “homemmáquina”. Estudos em arquivos literários contribuem para uma maior percepção a respeito do lugar ocupado pelo poeta e pelo escritor na configuração da paisagem intelectual de meados do século XX. Ofícios, diários, cartas, entrevistas encontrados em acervos revelam interseções entre o caráter estético e ético da escritura e alargam a noção do objeto literário. O homem comum mostra-se capaz de desestabilizar dispositivos do controle e de propor espaços mais libertos de existência.

Palavras-chave: João Cabral, Guimarães Rosa, diplomacia, escritura, homem comum.

A diplomacia existe em função da relação com o outro, esse estranho com quem se busca estabelecer contato, criar novas oportunidades de trocas políticas, econômicas e culturais. João Cabral de Melo Neto e João Guimarães Rosa foram contemporâneos no Itamaraty. Cabral ingressa no Ministério das Relações Exteriores em 1945, mesmo ano em que publica *O engenheiro*, seu segundo livro. Em 1947, é transferido para a Espanha.

Em Barcelona, publica *Psicologia da composição*, obra impressa por ele mesmo. Rosa faz concurso para o Itamaraty em 1934. Em 11 de julho de 1934, é nomeado cônsul de 3ª classe e, ao final de 1937, é promovido a cônsul de 2ª classe. Com esse cargo chega ao consulado de Hamburgo em 1938, onde permanece até 1942, enfrentando fortes pressões causadas pelo Nazismo e pela Segunda Guerra Mundial.

O escritor mineiro, Rosa, em carta enviada a Cabral, do Rio de Janeiro, em 4 de fevereiro de 1964, apresenta importante olhar crítico a respeito da articulação entre arte, técnica e conceito na poesia cabralina. O médico-diplomata tece comentários a respeito do livro *Poemas escolhidos*, de Cabral, em edição portuguesa:

O livro saiu belo e certo, gostoso. Aproveitei, reli tudo. Muita coisa cresceu ou pegou mais luz, para mim, agora; e nada murchou de valor. Você pode estufar o peito: é poeta e poesia que vão permanecer e atuar – animando, fecundando, fluindo. A gente fica à espera, ávida, do que de Você vem. Você trabalha um metal novo, uma superespécie de platina, mas com elasticidade de coisa modelada à mão, apalpada muito, ou retecida sem vestígios. Você traz fome de pureza, uma fome cutânea e medular, jejuadora, algébrica, anti-caos. Você descobriu, também, a eficácia sustentada das espirais que acima e acima de acima se atiram. (...) Você é poeta fortemente – pode tirar de um ponto uma paisagem demonstrada, e fazer passar caravanas inteiras por um fundo de agulha. (ROSA, 04 fev. 1964.)

O minucioso interesse pela técnica na construção do objeto poético conecta Cabral ao amigo Rosa. Em 1968, Cabral elogia o escritor mineiro, afirmando ser ele o melhor exemplo do “estado de inquietação, de pesquisa, de consciência artesanal que vem marcando o romance nos últimos anos”. (ATHAYDE, 1988, p. 128) Cabral atesta que Rosa escrevia em uma “língua fabricada” e possuía um gênio que nem Joyce detinha. As palavras criadas por este não pareciam ser irlandesas. Rosa, ao inventar seu léxico, conseguia criar a sensação de que as palavras nasciam da fala caipira mineira: “Eu me lembro que Guimarães Rosa gostava de conversar comigo sobre esse negócio de fabricação da escrita. E ele me mostrava coisas que eu confesso que estranhava.” (ATHAYDE, 1988, p. 128)

De acordo com Cabral, Rosa elaborava arquiteturas lingüísticas inusitadas; o trabalho lógico, detalhista e conceitual do mineiro garante sua excelência narrativa e propicia a fruição do leitor. Literatura e arquitetura, imaginação e técnica conectam-se no projeto de escritura cabralina e em sua atenção à produção dos pares.

Os autores diplomatas, além do saber escolar de fundo iluminista, desenvolveram o pensamento da estrangeiridade, a saída do centramento cartesiano e a abertura para outros modos de saber e de expressão. Ao mesmo tempo que atuam no campo burocrático ou literário, buscam a convivência com a diversidade social, estética e cultural, tanto estrangeira quanto nativa, tanto subjetiva quanto concreta, relacionada à grande arte ou à tradição popular.

Além do contato com grandes nomes da literatura e da pintura, o trabalho diplomático permitiu a Cabral a descoberta de novas formas de modernidade, dentro da própria Europa. Na Espanha, presença, nos tablados de bares e cabarés, shows de dança e música flamencas. A forte influência da cultura espanhola em Cabral, fruto de longos anos de trabalho naquele país, permite-nos notar a presença do “sotaque” popular da Espanha na obra do brasileiro. Ritmo, fala, jogo, humor e pensamento nordestinos também permeiam a produção artística do poeta engenheiro.

A transdisciplinaridade permite erigir espaços de estrangeiridade em relação aos pensamentos mais íntimos, às certezas mais arraigadas. Dessa forma, rompe-se com o pensamento estanque, dualista. Nesse processo, é importante aprender a olhar com as lentes do outro, a sentir um pouco da insegurança que as terras desconhecidas proporcionam. Reconhecer as incompletudes e as limitações dos próprios posicionamentos são meios de operar com um pensamento mais aberto, de ser tolerante em relação a diversos modos de existência, de saber e de ação. Ao contrário da diplomacia oficial, vinculada a regras e dogmas, a “diplomacia literária” apresenta, como força maior, o questionamento social. O objetivo não é fechar acordos definitivos, mas revelar novos olhares políticos para o mundo. Novos modos de lidar com o conhecimento interferem no diagrama político. É bom ressaltar que a formação “iluminista” e a pesquisa enciclopédica empreendida por Rosa na confecção de seus livros aliam-se, em grau de importância, ao contato com vaqueiros, a leituras literárias em várias línguas, a pesquisas em dicionários, às cartas do pai descrevendo tipos, costumes, cenas, expressões coloquiais e vestimentas do interior mineiro.

O conceito de diplomacia pode contribuir para o debate transdisciplinar, a partir do momento em que esta é entendida como a busca do diálogo com uma exterioridade em relação ao sistema instituído. Nesse sentido, a diplomacia ofereceria à escritura um pensamento que se apresenta não pela capacidade de ver o outro a partir de princípios e regras consolidadas, mas pela capacidade de ser olhado por esse outro, de deixá-lo

invadir o discurso e ressignificar a área de atuação, o pensamento, a sensibilidade, despertando, assim, novos afetos e reflexões. O fortalecimento vem da “estratégia de enfraquecimento” a ser utilizada durante o diálogo.

O conjunto das obras de João Cabral e Guimarães Rosa apresenta um aspecto reflexivo entranhado em suas alegorias e metáforas. Os textos encontram-se dentro dos parâmetros de uma produção artístico-literária questionadora dos lugares discursivos dominantes em certo período histórico. As personagens configuradas como homens comuns, ordinários, conduzem-se pela desregulamentação da máquina ininterrupta da modernidade. A abertura para o “fora” de uma cultura, de uma língua, demonstra a relação da própria literatura com a idéia do exílio, pois essa situação exige do escritor forte propósito de desterritorialização, de deslizamento entre seus repertórios e os novos conteúdos que encontra. (LEVY, 2003, p. 38)

A “diplomacia menor” revela a necessidade do encontro com alguma coisa que force o pensamento a sair de sua interioridade. O acaso dos trajetos, das viagens, dos encontros, o inesperado dos acontecimentos tem forte presença na montagem dessa cartografia voltada para o desconhecido e para a novidade. O acaso dá oportunidade de o próprio pensamento ser posto em dúvida e possibilita o surgimento do devir.

As experiências dos diplomatas com situações extremas, relacionadas ao que Agamben denomina de vida nua – percebida tanto nos cemitérios gerais nordestinos quanto nos desfiles de judeus para os campos, na Alemanha – tornam-nos capazes tanto de perceber a História sob o ponto de vista oficial quanto de atentar para os pequenos e confusos sentimentos que alteram o andamento da vida de milhares de pessoas que, sem lugar certo onde se agarrar, deixadas ao acaso do destino, transformam-se em presas fáceis do poder totalitário.

No diário – aqui identificado como “Diário alemão” –, escrito por Rosa durante os anos em que viveu na Alemanha nazista, existem relatos preciosos. (Cf. ROSA. “Diário alemão”). Surgem descrições fragmentárias a respeito do poder demoníaco que aparece do outro lado do mundo, longe dos redemoinhos do sertão. Os aviões, os toques de recolher, os bombardeios, a falta de alimentos, o ódio aos judeus misturam-se à vida pacata dos moradores. Por meio do diário, conhecemos nuances, sutilezas que não estão presentes nos livros de história oficial e que enriquecem os estudos sobre a Segunda Guerra. A rotina do cidadão Rosa rompe-se frente aos absurdos que encontra no espetáculo brutal das ruas.

Em 1956, Cabral, que passara um tempo trabalhando no Brasil, é transferido para Barcelona, onde, formalmente, assume a função de cônsul-adjunto. Sua missão, no entanto, consiste em realizar pesquisas históricas junto ao Arquivo das Índias de Sevilha, cidade andaluza onde mora. O poeta distancia-se de seu tempo e procura beber informações históricas em fontes ainda não catalogadas. Trabalha na organização do arquivo, no setor relacionado ao Brasil.

Desse trabalho resultou o livro *O arquivo das Índias e o Brasil*, o maior inventário realizado por brasileiro em arquivo espanhol. O livro, publicado em 1966, reúne documentos de 1493 a 1830. Na pesquisa, Cabral pôde trabalhar a partir de critérios metodológicos e científicos, mas esses caminham ao lado do espírito viajante e do gosto pelas descobertas. A imaginação fluía a cada nova revelação encerrada naqueles documentos, mas era domada pela minúcia do historiador. Muitos papéis encontravam-se em péssimas condições e se desmanchavam com o contato. O texto do pernambucano, de caráter oficial, mantém o estilo minimalista e preciso de sua poesia.

O diplomata realiza breves descrições dos documentos. O Arquivo das Índias abre-se a novas descobertas pela lanterna de luz fria e desconfiada de Cabral. Cabral vasculha os armários do início da colonização européia, ao mesmo tempo que está escrevendo e publicando livros a respeito dos restos do projeto moderno no sertão brasileiro. Em 23 de maio de 1493, lê-se a seguinte norma: “Poder ao Almirante Colombo e a D. Juan de Fonseca. Para preparar a armada a ser enviada às Índias.(...)” (MELO NETO, 1966, p. 15) Em 3 de setembro de 1501, uma lei da “Real Provisão” apresenta os seguintes dizeres: “Proíbe que se viaje para as Índias sem licença de S.S.M.M. quer para descobrir novas terras, quer para se estabelecer em terras já descobertas. (...)” (MELO NETO, 1966, p. 25). No livro cabralino, o colonialismo é visto como decisiva condição histórica da modernidade.

Em ensaio intitulado “Como a Europa vê o Brasil: resposta à tese do sociólogo francês Roger Bastide”, pronunciado durante o Congresso Internacional de Escritores realizado em São Paulo, no ano de 1954, Cabral assinala que a postura mais realista a respeito da América Latina ele foi encontrar na situação dos trabalhadores que se candidatavam à emigração para as terras brasileiras, “a quem entrevistei e dei vistos em passaportes durante anos.” (MELO NETO, 1999, p. 762) O diplomata afirma não haver encontrado, entre esses emigrantes, visão messiânica do Brasil, nem mesmo posicionamento idealista ou aventureiro. Esses trabalhadores tinham uma noção mais realista sobre o lugar para onde partiam, mesmo em relação a dados considerados irrelevantes.

O poeta-engenheiro dá preferência, em seu texto, ao saber popular, não escolarizado, e à capacidade de ação do homem comum. A sabedoria instrumentaliza o emigrante para a vida prática. Esses homens traduzem, transplantam, de fato, a Europa para o Brasil. Não de forma sonhadora, mas conhecendo as limitações, as dificuldades que os intelectuais não ousariam enfrentar fora dos muros acadêmicos. Rosa descreve, igualmente, sua relação com trabalhadores que pretendem vir para o país. Há um ofício escrito pelo diplomata, quando este se encontra na embaixada de Paris, em 1949, a respeito de um pedido de emigração de lavradores franceses para o Brasil. Rosa faz uma visita ao *Centre d'Essai d'Alesmes*, em Puy-Lacroix, Creuse, e recolhe um grande número de informações, para um relatório de 25 páginas. O escritor assinala, em seu texto, a confiança demonstrada pela equipe dos sete trabalhadores, pois, nos oito meses de cultivo no Centro, provaram grande competência. Além da reforma das residências, demonstram cuidado com a terra. (ARAÚJO, 1987, p. 13) O parecer do diplomata é favorável ao pedido. Como Cabral, Rosa enfatiza as habilidades e os saberes práticos do emigrante como bastante úteis ao desenvolvimento da terra que os acolhe.

Os escritores-diplomatas, em grande parte dos documentos pesquisados, revelam atuação corajosa nos limiares estabelecidos pelo processo histórico e propõem novos agenciamentos socioculturais. As poéticas de fronteira são elaboradas a partir das interconexões inerentes à operação artístico-literária, realizadas entre o mundo idealizado e o mundo triturado pela máquina da História. A “diplomacia menor” mostra-se atenta às relações existentes entre diversos territórios. Essas, às vezes, não são percebidas, pois o poder procura camuflá-las a fim de perpetuar sua hegemonia.

É possível articular a construção das personagens ficcionais rosianas a experiências concretas do autor no serviço diplomático. Em 27 de julho de 1939, Rosa escreve, de Hamburgo, ofício ao Ministro Oswaldo Aranha, referindo-se a informações solicitadas pelo ministro da guerra a respeito do indivíduo chamado Perez Taubenblatt.

O objetivo era descobrir a nacionalidade daquele cidadão, bem como dados a respeito de sua viagem ao Brasil, em 1927. O diplomata informa:

Em carta, cuja cópia acompanha este ofício, esclarece a Chefiatura de Polícia de Hamburgo que Perez Taubenblatt, nascido em 17 de agosto de 1905, em Varsóvia, foi aqui registrado como apátrida, tendo apresentado documento que comprova tal condição; mudou-se desta cidade, em 1º de outubro de 1926, para lugar ignorado, e não consta que tenha adquirido outra nacionalidade qualquer.

Já a polícia de Nürnberg-Fürth (v. cópia de carta, em anexo) informa que Perez Taubenblatt, nascido em Varsóvia, em 17.VIII. 1905, foi registrado naquela repartição como cidadão polonês, sem que, todavia, existam nos arquivos locais documentos comprobatórios da origem étnica e da nacionalidade do mesmo. (ROSA, jul. 1938-jul. 1939).

Além dos dados incertos, Rosa revela outros aspectos que acentuam a ausência de lugar social do viajante. De acordo com a companhia de navegação, os documentos relativos à viagem do vapor “Malte”, utilizado por Perez em sua viagem ao Brasil, haviam sido destruídos. No consulado brasileiro da Antuérpia, o diplomata consegue informação de que o passageiro apresentara carteira de identidade como natural de Varsóvia, mas sem cidadania.

Perez Taubenblatt surge no ofício rosiano como algumas de suas personagens literárias. Seu corpo exibe um vetor que irrompe da escrita diplomática, propondo possibilidades futuras de escrituras artísticas, de elaboração ficcional. O viajante, sem identidade definida e sem nexos com a vida social, acaba procurando o Brasil como porto para se naturalizar. Ao contrário dos navegadores interessados na colonização, na conquista, na posse, o aventureiro é o retrato do homem sem qualidades que o escritor iria encontrar em outras ocasiões reais ou construir por meio da ficção. Um ofício escrito de Hamburgo, em 12 de maio de 1939, em papel timbrado do Consulado Geral dos Estados Unidos do Brasil e endereçado ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Oswaldo Aranha, trata da repatriação de José Oswaldo. O texto é assinado por João R. de Souza Ribeiro, Cônsul-Geral de Hamburgo. O ofício relata que o indivíduo José Oswaldo encontrava-se em “absoluta indigência” e fora repatriado de Hamburgo para o Brasil no dia 5 de maio:

José Oswaldo (...) tinha em seu poder uma ordem de expulsão das autoridades policiais do Reich, por vadiagem, e é reincidente na prática de vir a Europa como clandestino, em vapores alemães, e voltar repatriado pelos Consulados brasileiros. Em vista destes antecedentes não dei passaporte ao patrício José Oswaldo para impedir que ele, de posse do mesmo, desembarcasse em qualquer porto de escala e continuasse na sua extravagante aventura de percorrer o mundo, sem papéis de identificação e em estado de indigência, maltrapilho e faminto, como se apresentou neste consulado. Encaminhei-o à Polícia Marítima do Rio de Janeiro com uma carta – Salvo Conduto – explicativa de sua situação com o pedido de bem identificá-lo. (RIBEIRO, 12 maio 1939)

O homem ordinário persegue os escritores – mesmo quando se pensa que ficaram além mar, surgem das imprevidências do destino, revelando a ambígua imagem do ser desterrado e, ao mesmo tempo, tornando-se ícone da desterritorialização. Miséria e liberdade oscilam nas viagens abertas ao acaso. O Terceiro Reich – além de estar

envolvido em um conflito de dimensões internacionais e de perseguir amplamente os judeus – não admitia a presença do pária em seus domínios, por motivo de ser um vadio reincidente. A expulsão do “incômodo” não eliminaria a incerteza a respeito de seu retorno, a impedir o ordenamento social pretendido pelo Nazismo.

No conto “Homem, intentada viagem” – de Ave, palavra – somos apresentados a uma personagem aventureira, de natureza vagabunda e marginalizada, inspirada nos fatos reais vividos pelo vice-cônsul Rosa em Hamburgo. Zé Oswaldo, constantemente expatriado, mostra-se como um ser sem identidade, sem família, viajante sem rumo, sem desejo de posse ou retenção. (Cf. SOUZA, 2002) A personagem é assim apresentada, logo no início do conto:

POR EXEMPLO: José Oswaldo. O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-aguerra, hispida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do nosso Cônsul em Viena: “Não tem passaporte nem título de identidade e diz já ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado-Geral. Deve haver por aí algum papel, que o refira.”(ROSA, 1985, p. 223)

Em outro trecho, o narrador trata da partida do sujeito apátrida: “Segue-se que enfim partiu, na sexta. Sumária foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o sorriso sem defeito (...). Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso mais tarde (...)”. (ROSA, 1988, p. 223) zeosvaldo – ao final da história seu nome é escrito com inicial minúscula – voltaria à Europa, de onde seria novamente repatriado: “O nada acontece muitas vezes”. Nesse seu último e fatal retorno ao Brasil, antes de chegar à Guanabara, pulou no mar, talvez perturbado: “Só morreu com as coisas todas que não soubesse. Inconseguiu-se?”. (ROSA, 1988, p. 223) O vagabundo inconsciente vivia em busca de aventuras, adentrando-se clandestinamente em navios, terras moventes que talvez sentisse mais como a “sua” pátria, no espaço sem fronteiras do oceano. Entre as constantes viagens, as locomoções e a morada fixa, o fechamento no território, escolheu o caminho liberto da morte. A propriedade do homem ordinário é determinada pela ausência de um próprio. A indeterminação o define. Ele utiliza-se dos saberes locais de acordo com a ocasião – importa menos a profundidade, o conteúdo dos discursos, do que sua utilização. A linha circular e difusa da heterogeneidade conduz a linguagem ao limite do incompreensível, do indizível.

Os períodos vividos no exterior apresentam diversas e ricas vivências aos diplomatas, e mesmo as experiências negativas fornecem elementos a serem reconfigurados futuramente pela escritura. Quando Cabral vai viver em Marselha, sente-se bastante contrariado. Ao contrário de Sevilha, cidade solar e arejada, a cidade francesa parece-lhe sombria, fechada, cheirando a antiquário.

A solidão sentida pelo poeta em Marselha quebra-se com a visita de Antônio Abujamra. No período, o ator realizava estudos sobre teatro na Espanha. A produção poética do diplomata sofre constantes interferências dos encontros ocorridos em diversas partes do mundo e com representantes de distintas expressões artísticas e intelectuais. A poesia parece construir-se à deriva, em territórios assumidos como instâncias de passagem.

Antônio Abujamra comenta, em entrevista à Revista Caros Amigos, em 1994, a importância do encontro com Cabral, em 1958. Após deixar Madri e viajar pela Espanha, passando por Granada, Sevilha, até Cádiz, percorre, de modo vagabundo, o norte da África: Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Egito. No Cairo consegue dinheiro na embaixada brasileira para seguir de avião até a cidade de Marselha:

Chego em Marselha doente, sem dinheiro, mochila rasgada. Procuo o consulado do Brasil, cônsul: João Cabral de Melo Neto. Fui lá, toquei a campainha: “Quero falar com o João Cabral, sou brasileiro”. “Pois não.” Ele vem me atender e eu digo: “Sou um diretor de teatro estudante, não sei o que fazer, estou doente, não sei onde morar, não tenho dinheiro pra nada”. João Cabral, com a generosidade que só os grandes poetas têm, abriu a porta e disse: “Entre, a casa é sua”. Fiquei 28 dias na casa de João Cabral de Melo Neto, aprendi mais poesia do que em cinquenta anos de universidade brasileira. E por João passavam todas as grandes cabeças do mundo (...). E eu lá com João Cabral, aprendendo coisas. E aí minha cabeça começou a dar uma mudada (...).(ABUJAMRA, 20 maio 2008)

O diplomata acolhe o jovem estudante de arte, rebelde, sem dinheiro, sem moradia. Oferece-lhe casa, alimento e amizade. A convivência traz ao dramaturgo conhecimentos ainda não encontrados no Brasil nem no curso em Madri. Cabral esquece a vida entediante de Marselha, propondo-se renovar a própria produção poética. Abujamra aparece na vida do “cônsul” como as personagens andarilhas, apátridas emambembes presentes nas obras de Rosa. Zé Oswald e Perez Taubenblatt misturam-se na construção de personagens literárias, Antônio Abujamra recebe incentivo para seguir adiante, enveredando-se por outros cursos artísticos – trajetórias incomuns aproximam realidade e ficção por intermédio da diplomacia oficial e da “diplomacia menor”. Esta constrói-se a partir dos encontros, das trocas de saberes e de experiências, da confiança no devir ético e estético.

A poética de fronteira, ao mesmo tempo que evidencia as barreiras, os limites que separam raças, línguas, culturas, no Brasil e no exterior, enceta uma escritura que visa tanto a propor um mundo mais próximo ao comum, como a facilitar o intercâmbio entre saberes, artes e culturas diversas. Em vez da limitação e do impedimento, na escritura diplomática, as fronteiras tornam-se “entre-lugares”, instâncias de diálogos suplementares que visam a produzir espaços de vida mais livres. Os autores sabem que a busca da justiça e da dignidade humana é uma luta constante pela dissolução de fronteiras duras, relacionadas a diversas formas de apartheid, e pela criação de fronteiras maleáveis, pautadas por inúmeras possibilidades de interação.

BIBLIOGRAFIA:

- ABUJAMRA. Entrevista à Revista Caros Amigos. Disponível em: < http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed94/valeapena.asp> . Acesso em: 20 maio 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: d. UFMG, 2002.
- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. Guimarães Rosa: diplomata. Brasília: Ministério das Relações Exteriores; Fundação Alexandre de Gusmão, 1987.
- ATHAYDE, Félix de. Idéias fixas de João Cabral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; FBN; Mogi das Cruzes, SP: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

- HISSA, Carlos Eduardo Viana. A mobilidade das fronteiras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault, Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- MELO NETO, João Cabral de. O arquivo das Índias e o Brasil: documentos para a História do Brasil existentes no Arquivo das Índias de Sevilha. Ministério das Relações Exteriores/ Departamento de Imprensa Nacional, 1966.
- MELO NETO, João Cabral de. Obra completa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1999.
- RIBEIRO, João R. de Souza. Ofício de repatriação de José Oswaldo. Hamburgo, 12 de maio de 1939. Arquivo do Itamaraty. Rio de Janeiro.
- ROSA, João Guimarães. Ave, palavra. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- ROSA, João Guimarães. Carta a Cabral. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1964. Arquivo João Cabral de Melo Neto. Fundação Casa de Rui Barbosa.
- ROSA, João Guimarães. Diário alemão. Fundo Henriqueta Lisboa. Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.
- ROSA, João Guimarães. Ofício ao Ministro Graça Aranha, 27 de julho de 1939. Arquivo do Itamaraty. Rio de Janeiro. C.B. 61/5/15. Hamburgo. Ofícios, jul. 1938-jul. 1939.
- SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo Martiniano; OTTE, Georg. “Diário de guerra”. Editora UFMG, 2008. Não publicado.
- SOUZA, Eneida Maria de. Rosa entre duas margens. Margens/Márgenes, Revista de cultura, Belo Horizonte/ Buenos Aires/ Mar del Plata/ Salvador, nº 1, p. 12-19, jul. 2002.